

são da importância do aprofundamento nos estudos e de aperfeiçoamento constante em atividades de formação: “A verdadeira humildade só se robustece com a tentativa de conhecer. Só perseverando nessa gostosa escalada nos apercebemos do muito caminho que sempre nos faltará percorrer” (p. 117).

Os objetivos do livro estão assentes na introdução: “induzir nos alunos o gosto e o hábito de conviver com os livros” (p. 17) e as conclusões reforçam as propostas contidas nos capítulos anteriores.

O ensino da literatura precisa de uma nova abordagem, e os autores propõem algumas. Certamente haverá quem não concorde com todas, mas a situação pede algo além dos diagnósticos, e os autores oferecem aos interessados nos rumos da educação literária possibilidades de tratamentos com sobriedade, critério, espírito crítico e – acima de tudo, e presente nas entrelinhas – paixão pelo ensino do patrimônio linguístico e literário do País.

Roberto Loureiro

**NATURALISMO: OLHARES CRUZADOS =
NATURALISME: REGARDS CROISÉS.**

KELLY BENOUDIS BASÍLIO (org.)

**Edições Húmus, Ribeirão (Famalicão), 2012
322 páginas ISBN: 9789897550300**

O volume aqui recensado, com o título bilingue de *Naturalismo: olhares cruzados. Naturalisme: regards croisés*,

datado de dezembro de 2012, apresenta-se como a terceira parte de um tríptico, também constituído por *Naturalismo(s) ACT 21* (2011) e *Naturalismos. De Lucrécio a Lobo Antunes* (2012). Na sua origem está um colóquio com o mesmo título, realizado em Lisboa, em dezembro de 2010.

De acordo com Kelly Basílio, a organizadora da obra, este terceiro contributo retoma o objetivo das iniciativas anteriores – de revisitação da noção de Naturalismo numa perspetiva comparatista –, centrando-se especificamente na aceção oitocentista e artística do termo, muito dependente, como é sabido, da doutrinação estética e do proselitismo de Émile Zola.

Na realidade, o naturalismo literário alicerça-se nas obras de Flaubert, de Zola e dos irmãos Goncourt, mas foi o autor de *L'Assommoir* que soube rodear-se de discípulos entusiásticos, e que codificou e projetou o Naturalismo como um dos primeiros ismos modernos, dotado de uma assinalável coerência ideológica e técnica. Objeto de censura académica tanto na sua época como em fases posteriores, o Naturalismo teve, no entanto, através dos seus principais autores, uma enorme repercussão pública. O balanço que pode ser feito, mais de cem anos decorridos sobre *les funérailles du naturalisme*, para utilizar a expressão de um dos seus principais adversários coevos, o escritor católico Léon Bloy, tem necessariamente de reconhecer-se que, se ideologicamente o movimento teve

excessos, envelheceu e perdeu atualidade, os procedimentos técnicos-narrativos que adotou (designadamente a impersonalidade narrativa, a focalização interna das personagens e o discurso indireto livre) constituíram uma enorme revolução estilística, alterando de modo substantivo o modo de narrar ficcional. Por último, há que reconhecer que a intenção de aplicar a fórmula naturalista às artes não-literárias não teve os resultados esperados por Zola.

As línguas do volume coligido por Kelly Basílio são quase exclusivamente a francesa e a portuguesa (há apenas um artigo em inglês). Consequentemente, para além do título, também as suas três partes têm designações em português e em francês: Questões cruzadas/Questions croisées; Destinos cruzados/Destins croisés; e Cruzamentos inter-semióticos/Croisements intersémiotiques. Como esses subtítulos indiciam, a segunda parte é aquela que oferece uma abordagem mais explicitamente comparatista, enquanto a terceira se ocupa predominantemente da extensão do Naturalismo às artes não-literárias ou a remediações de obras literárias naturalistas. Menos orgânica, a primeira parte junta artigos explicitamente dedicados à doutrina estética naturalista (os de Henri Mitterand e Carlos Reis) a outros apenas lateralmente relacionados com o movimento naturalista.

Curiosamente, tanto o professor francês como o português centram os respetivos ensaios em textos deixados manuscritos pelos respetivos autores

e editados a título póstumo. No artigo intitulado «Zola: 'différence entre Balzac et moi'», Henri Mitterand analisa minuciosamente a brevíssima nota manuscrita, redigida no final do ano de 1868 ou no início de 1869, ou seja, entre a conclusão de *Thérèse Raquin* e o início dos Rougon-Macquart, vendo nela um documento doutrinário fundador do Naturalismo. O texto foi publicado em 1967, no tomo V da edição Pléiade-Galimard dos *Rougon-Macquart*. Como assinala o ensaísta, é a consciência da diferença entre os projetos da *Comédie humaine* e dos *Rougon-Macquart* que leva o autor de *Nana* a afastar-se da descrição horizontal da sociedade francesa e a concentrar-se, vertical e deterministicamente, na vida de uma família sob o Segundo Império.

O artigo de Carlos Reis, «A doutrina do Naturalismo queirosiano: uma revisão crítica», procede à escalpelização dos mais significativos textos doutrinários de Eça, para se fixar sobretudo em «Idealismo e Realismo», um texto divulgado em 1929 por um filho de Eça, também José Maria de nome, e que o trabalho de Irene Fialho para a edição crítica demonstrou não ser um texto tão acabado como aparenta ser no volume *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*. Carlos Reis interpreta a incompletude do texto, em princípio destinado a prefácio da edição de 1880 de *O Crime do Padre Amaro*, como uma «omissão que anunciava já uma desistência», isto é, um distanciamento doutrinário do Naturalismo.

Nos restantes artigos desta primeira parte, Maria de Fátima Marinho, em «O pecado de Camilo (A propósito dos *Vulcões de Lama*)», vê, neste romance camiliano, «um enredo romântico com pequenos ingredientes naturalistas» (p. 25). Maria Isabel Rocheta («O segredo d'*A Ilustre Casa de Ramires*. Variantes e variações num autógrafa inédito de Eça de Queirós») analisa as páginas iniciais de um autógrafa queirosiano, contendo uma versão primitiva do romance referido no título do artigo, e perspectiva a sua futura edição genética a cargo de uma equipa já constituída. Em «Symbolisme et naturalisme. Ambiguïtés et convergences fin de siècle: quelques curiosités théorique-esthétiques», Paula Mendes Coelho encontra inesperados pontos de contacto entre o Naturalismo e o Simbolismo. Serafina Ferreira extrai de alguns textos programáticos de escritores oitocentista «Pontos de vista [nem sempre coerentes, segundo a autora] sobre arte e verdade na literatura portuguesa do século XIX».

Uma visão de conjunto permite verificar que Zola e Eça de Queirós são os grandes protagonistas do livro. A Parte II é fundamentalmente dedicada à intertextualidade zoliana-queirosiana, podendo o leitor compreender-se com a leitura de artigos produzidos por eminentes críticos franceses do Naturalismo, como Alain Pagès e Philippe Hamon, que não imaginávamos serem leitores de Eça e que demonstram conhecimento digno de registo da obra do romancista português. Em

concreto, Pagès reconta a história do encontro em Paris, em 1885, entre Zola e Eça, promovido por Mariano Pina, diretor de *A Ilustração* («Zola et Eça de Queirós: une rencontre européenne»). Recorda a ideia, avançada pelo autor de *Germinal* e nunca concretizada, de criar uma Biblioteca Naturalista, e recusa-se, por fim, a acreditar que os dois romancistas não tenham voltado a encontrar-se (apesar da ausência do nome do autor português no livro de contactos de Zola), tendo em conta que Eça viveu em Paris, onde foi cônsul, entre 1888 e 1900, data da sua morte. O mais provável, contudo, é que aquele tenha sido efetivamente o único encontro dos dois escritores, mais propiciado por Mariano Pina do que desejado por Eça de Queirós. Numa histórica entrevista à televisão portuguesa, a filha mais velha do romancista, Maria, reconhecia que a casa da família em Paris era muito concorrida pelos amigos portugueses e brasileiros do pai, mas não frequentada por intelectuais franceses, apesar do enorme apreço que o autor dos *Maias* sentia pela cultura francesa. Por outro lado, embora sempre tenha admirado Zola, o seu modelo e o seu exemplo era Flaubert, como sublinha no texto com que colabora no volume, «Naturalisme et religion chez Zola et Eça de Queirós», Sophie Guermès. Philippe Hamon («Reliques»), por seu turno analisa comparativamente a novela *La relique*, de Maupassant, e o romance *A Relíquia*, de Eça, para concluir que as duas obras têm muito mais em comum

do que o facto de serem ambas satíricas e anticlericais, considerando-as sobretudo uma «espécie de ‘mise en abyme’ estético, autorreferencial, dos próprios princípios estéticos da escrita realista-naturalista» (p. 132).

Finalmente, a Parte III é aquela que maior espaço ocupa na economia do volume, oferecendo também uma grande variedade temática. Jean-Michel Pottier («Le dossier préparatoire au croisement des écritures. Les cas de *Nana* et *Pot-Bouille*») e Olivier Lumbroso («Zola et l’écriture cyclique dans *Les Rougon-Macquart*. Le bâtisseur en mouvement») ocupam-se dos dossiês preparatórios ou cadernos de trabalho de Zola. O arquiteto Alfredo Campos Matos, reconhecido biógrafo de Eça, sintetiza em seis páginas ilustradas o essencial da Lisboa queirosiana: «A Lisboa de Eça de Queirós. Estratégias da narrativa queirosiana (introdução a uma exibição de imagens)». Adaptações de obras zolinas ao teatro ou ao cinema são o objeto de estudo de Céline Grenaud («*La Curée* ou la chasse au mythe: pour une réécriture théâtrale et cinématographique de l’hallali»), Colette Becker («*Germinal* au théâtre: drame naturaliste, drame populaire?» e Jean-Sébastien Macke («Relectures musicales de l’œuvre de Zola dans le cinéma et le théâtre du XX^e siècle»). Robert Singer («The engaged and the entrapped: women in international naturalist silent cinema») ocupa-se de quatro melodramas cinematográficos produzidos antes do advento do cinema

sonoro; trata-se de obras de Griffith, Renoir, Pabst e Yonggang Wu, nas quais o sofrimento das protagonistas se inscreve no quadro de um «Darwinian struggle for survival in a predatory environment» (p. 243); concretamente um destes filmes, o de Renoir, é mesmo uma adaptação do romance zoliano *Nana*. Para Ana Clara Santos («Le théâtre naturaliste au Portugal: entre la doctrine et les adaptations»), que enumera um significativo conjunto de adaptações de romances zolianos aos palcos portugueses, o teatro naturalista português é o resultado direto da aplicação dos princípios doutrinários de Zola, sobretudo dos expostos em *Le Naturalisme au théâtre*. A adaptação cinematográfica do conto queirosiano *Singularidades de uma rapariga loira* pelo decano dos realizadores em atividade é tema do artigo de Isabel Pires de Lima: «Uma floresta de enganos: as *Singularidades* de Eça de Queirós e Manoel de Oliveira». O cruzamento da literatura com as artes plásticas inspira os artigos de Chantal Pierre («Les mots de la peinture dans la genèse du roman: l’esquisse et le pittoresque») e Jacques Noiray («À la recherche de la sculpture naturaliste: sculpteurs et sculpture dans l’œuvre romanesque d’Emile Zola»).

O único texto razoavelmente afastado das questões literárias é assinado por Alberto Júlio Silva («Naturalismo plástico em Portugal»), que considera o Naturalismo presente na pintura e na escultura portuguesas «uma natural extensão do Romantismo» (p. 195), sem

conteúdo ideológico e quase sempre limitado a uma representação verista da realidade exterior.

Como se pode deduzir do que ficou exposto, encontramos-nos perante uma obra com amplos motivos de interesse, reunindo colaborações de especialistas portugueses e franceses da temática naturalista. Não cobre, evidentemente, todas as áreas possíveis, não vai além do universo linguístico luso-francês e centra-se, talvez em demasia, na produção escrita de dois autores Émile Zola e Eça de Queirós (o criador do movimento e o primeiro escritor naturalista português), que são, sem dúvida, referência fundamentais, mas cujo estudo é insuficiente para dar uma ideia da difusão de um paradigma estético que foi dominante na Europa durante a década de 80 do século XIX. Sentimos, sobretudo, a ausência de textos sobre Flaubert, o verdadeiro criador do modelo narrativo em que assentou o Naturalismo, o mestre incontestado de Zola, de Eça, de Clarín, de Verga, de Maupassant.

Gostaríamos também de encontrar no volume uma visão mais alargada do Naturalismo português, que não se limita a Eça e que constitui inclusivamente um caso especial quanto à difusão do Naturalismo zoliano além-fronteiras. *O crime do Padre Amaro* não só constitui o primeiro exemplo de um romance naturalista publicado fora de França, como as obras que imediatamente lhe sucederam, nomeadamente *Amor divino (Estudo patológico duma santa)*, *Os noivos*, *Margarida* ou o *Eusé-*

bio Macário, apesar do caráter paródico desta obra camiliana, demonstram que a estética naturalista tinha ganhado já uma enorme notoriedade em Portugal quando noutros países europeus (em Espanha, por exemplo) não tinha sequer começado a ser discutida na imprensa.

António Apolinário Lourenço

RETRATOS PARA A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA PROSA DE JOSÉ SARAMAGO
PEDRO FERNANDES OLIVEIRA NETO

Curitiba: Appris, 2012

280 páginas, ISBN: 9788581920306

A escrita ensaística de Pedro Fernandes de Oliveira Neto é académica e sensível na medida necessária para quem aborda a obra saramaguiana. *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* (2012) é um livro que resulta não apenas da sua pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mas de uma investigação iniciada ainda antes, no trabalho final da graduação. O resultado desse estudo é, segundo afirma o próprio autor, “a constatação de que o escritor [Saramago] propõe uma resignificação do feminino e para isso produz múltiplos deslocamentos de identidades de suas personagens – apresentando-as ora como mulheres à frente de seu tempo (no caso específico das protagonistas), ora como mulheres